

## Olhares sobre a loucura e a psiquiatria: um balanço da produção na área de História (Brasil, 1980-2011)<sup>1</sup>

Perspectives on madness and psychiatry: An overview of the production in the area of History (Brazil, 1980-2011)

Yonissa Marmitt Wadi<sup>2</sup>

yonissamw@uol.com.br

---

**Resumo:** O artigo apresenta a produção brasileira de teses e dissertações a partir da década de 1980 até o ano de 2011 na especialidade História da Loucura e da Psiquiatria, da área de História. O objetivo foi reconhecer como se configura essa especialidade no Brasil, a partir da discussão sobre a distribuição espacial e temporal da produção, sua acessibilidade, as balizas cronológicas e geográficas priorizadas, as principais preocupações e questões levantadas por seus produtores e expressas em títulos e palavras-chave, bem como a inserção dessa produção em um quadro mais amplo, o das tendências reconhecidas como preponderantes na delimitação da especialidade. O balanço realizado demonstrou que o desenvolvimento da especialidade está marcado, ainda, por uma concentração espacial, temporal e temática. Em relação à espacialidade, verificou-se que foram nos programas e cursos dos estados do Sudeste e Sul que a maioria dos trabalhos foi defendida bem como que as cidades sede das universidades foram também, na maioria das vezes, o lócus investigado. Averiguou-se que a produção concentrou-se entre os anos 2000-2009, o que indica o crescimento do interesse pelos temas relativos à especialidade no novo milênio. Por outro lado, percebeu-se que a maioria dos trabalhos defendidos privilegiou como recorte o período de 1890-1966, identificado como de constituição e consolidação da psiquiatria no Brasil. A prática psiquiátrica e as instituições de assistência foram os temas privilegiados nos trabalhos, a partir de um olhar que os situa majoritariamente na corrente historiográfica chamada de crítica ou revisionista. Atualmente, assiste-se ao espriamento dos interesses dos(as) historiadores(as), impulsionado pelo uso de novas fontes e novos referenciais teórico-metodológicos, especialmente aqueles provindos da história cultural.

**Palavras-chave:** loucura, psiquiatria, historiografia.

**Abstract:** This paper shows the Brazilian's production of theses and dissertations from the 1980s to 2011 in the specialty of the Madness History and Psychiatry, in the History field. The objective was to recognize the characteristics of this specialty from a discussion about spatial and temporal distribution of this production; its accessibility; chronologic and geographic priority; main concerns and questions that were emerging from authors which are expressed by title and keywords as well as the inclusion of this production in a broader context that includes the trends recognized as knowledge frontiers of this specialty. The survey has showed us that the development of this specialty is marked by spatial, temporal and thematic concentration. In relation to space, we can see that great part of the production of thesis and dissertation was in programs and courses located in the States in the Southeast and South, and also that the case studies were located in the

<sup>1</sup> O texto apresenta resultados da pesquisa *História da loucura e da psiquiatria: bibliografia de referência e percursos historiográficos*, realizada com apoio financeiro do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - Brasil e da Fundação Araucária de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Estado do Paraná - Brasil. Versões simplificadas deste artigo foram apresentadas no IV Encuentro de la Red Iberoamericana de Historia de la Psiquiatria: "Psicopatología y Viaje", (Madrid, 13 e 14/09/2012) e no XXVII Simpósio Nacional de História: *Conehecimento histórico e diálogo social* (Natal, 22 a 26/07/2013). Agradeço aos bolsistas de iniciação científica Kamila G. Schneider e Tcharles Gonçalves pela contribuição na coleta das fontes, na tabulação e na organização do banco de dados do projeto.

<sup>2</sup> Professora Associada do Centro de Ciências Humanas e Sociais e dos Programas de Pós-Graduação em História e em Ciências Sociais - UNIOESTE. Bolsista de Produtividade em Pesquisa - CNPq. Membro da Red Iberoamericana de História de la Psiquiatria.

city that hosted the main campus of the universities. We could see that the production was concentrated between 2000 and 2009, what shows us the increasing interests in these themes. On other hand, we could see that the majority of the research studies analyzed the period between 1890 and 1966, which was identified as the period of formation and consolidation of psychiatry in Brazil. The psychiatric practices and care institutions were the prime themes and the majority of these research studies are analyzed in the so-called critical and revisionist historiography. Nowadays we can see the spread of historians' interests, which are being boosted by the use of new sources and new theoretical-method references, especially those coming from cultural history.

**Keywords:** madness, psychiatry, historiography.

## Introdução

Este artigo tem como objetivo principal apresentar e problematizar a produção brasileira de teses e dissertações na área de História sobre a loucura (saúde-doença mental) e a psiquiatria, considerando os temas correlatos. Busca-se reconhecer como essa produção insere-se numa especialidade<sup>3</sup>, a História da Loucura e da Psiquiatria<sup>4</sup>, contribuindo para sua configuração no cenário brasileiro. Nesse sentido, procura-se visualizar a distribuição espacial e temporal da produção, sua acessibilidade, as balizas cronológicas e geográficas priorizadas pelos estudos, além das principais preocupações e questões levantadas por seus produtores e expressas em títulos e palavras-chave dos trabalhos.

Os estudos que têm como tema/objeto/problema a loucura e a psiquiatria constituem uma especialidade relativamente nova, mas em processo de ampliação e consolidação na área da História, particularmente no Brasil.<sup>5</sup> Tais estudos podem ser inseridos em diferentes subáreas da História, como a História das Ciências, ou diluir-se em outras especialidades, como a História das Ciências da Saúde, ou ainda, a História da Saúde e da Doença e vêm se configurando a partir dos diálogos teórico-metodológicos mais frequentes com a obra de Michel Foucault e com os aportes da história social e da história cultural.

No Brasil, à exceção de poucos trabalhos como os de Venâncio e Cassília (2010) e Lima e Holanda (2010), carece-se de reflexões com os intuitos deste artigo, que in-

diquem os caminhos já trilhados, permitindo a visualização daqueles que podem ser percorridos, bem como sobre o lugar ocupado por historiadores(as) dentro desse quadro.

É possível afirmar que há, pelo menos, dois grandes grupos produtores de *história da loucura e da psiquiatria* no país: um que congrega profissionais ligados às chamadas ciências “*psi*” (parte nas Ciências da Saúde e parte nas Ciências Humanas), com ênfase na produção oriunda da própria Psiquiatria, mas também da Enfermagem, da Psicologia e da Psicanálise; e outro que congrega especificamente profissionais das Ciências Humanas (da História, da Antropologia, da Sociologia, da Educação, entre outros).

Esses grupos, porém, não prescindem de diálogos e trocas, que se estabelecem fundamentalmente através de alguns periódicos que divulgam a produção oriunda dos dois grupos e que circulam entre eles, sendo o mais expressivo o periódico *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, publicação da Fundação Oswaldo Cruz. Os diálogos se estabelecem também em eventos, como os “Congressos da Sociedade Brasileira de História da Ciência” ou os “Congressos da Sociedade Brasileira de História da Medicina”, ou ainda, nos mais raros “Encontros em História da Medicina Mental e Saberes Afins”, para os quais convergem pesquisadores(as) da área médica – dentre os quais se inserem os(as) psiquiatras –, bem como da História, da Antropologia, da Sociologia. Profissionais dessas áreas têm gradativamente ocupado espaço em eventos que outrora eram frequentados, quase que exclusivamente, por pesquisadores(as) de outras áreas.

<sup>3</sup> Neste artigo, em razão dos procedimentos metodológicos da pesquisa que a originou, segue-se a nomenclatura proposta pela CAPES para a classificação das Áreas do Conhecimento e sua hierarquização em quatro níveis, que vão do mais geral aos mais específicos, como é o caso das especialidades (o 4º nível) (CAPES, 2012).

<sup>4</sup> A História da Loucura e da Psiquiatria pode ser compreendida como uma especialidade temática constituída por um conjunto de discussões e pesquisas que, tendo como tema central a *loucura*, em temporalidades e espacialidades diversas, a partir de perspectivas teóricas e metodológicas, e de grandes áreas (Ciências da Saúde e Ciências Humanas, em especial), áreas (História, Sociologia, Antropologia, Psiquiatria, Psicologia, etc.) e subáreas do conhecimento (História das Ciências, Sociologia das Ciências, etc.) também diversas, desdobra-se em problemáticas diferenciadas, como a da constituição dos próprios conceitos (loucura/doença mental/saúde mental), da sua relação com a configuração da ciência psiquiátrica, da constituição de aparatos e políticas de assistência ou atenção, a dos dispositivos disciplinares, a das experiências dos sujeitos, entre tantas outras possíveis. Alguns(mas) autores(as), como Huertas (2001), Sacristán (2005) e Stagnaro (2006), a partir de suas revisões sobre a constituição desse campo do conhecimento histórico em países como Espanha, México e Argentina, preferem nominá-lo atualmente como *história da psiquiatria*, em contraponto a um momento histórico em que se preferia o termo *história da loucura*, especialmente em razão de seu conteúdo contestador e das lutas encetadas à época contra os excessos visualizados do saber e do poder psiquiátrico. Sobre a configuração dessa especialidade no Brasil, ver Venâncio e Cassília (2010).

<sup>5</sup> A reflexão sobre a loucura, a saúde-doença mental, as instituições e a ciência psiquiátrica, do ponto de vista de sua história, faz parte há mais tempo das preocupações e dos estudos de outras áreas do conhecimento, como as chamadas ciências “*psi*”, a psiquiatria, a psicologia e a psicanálise.

Tais agrupamentos foram estabelecidos considerando a particular experiência de pesquisa na área da autora deste texto (Wadi, 1996, 2002a, 2002b, 2009, 2011; Wadi e Santos, 2010), mas também reflexões realizadas sobre a área no Brasil (Figueiredo, 2005; Edler, 1998) e em outros países, como Espanha, Argentina e México, que indicaram realidades semelhantes à brasileira (Stagnaro, 2006; Sacristán, 2005; Huertas, 2001). A experiência da pesquisadora deu-lhe familiaridade com a produção na área, bem como permitiu o acúmulo de bibliografia de referência, ainda que tal conhecimento tenha ocorrido gradativa e fragmentariamente em razão das dificuldades de acesso à parte da produção. Esta, oriunda em grande parte de cursos de pós-graduação, tinha seu espaço de circulação bastante restrito até recentemente. A relativa novidade do tema, que surge como problema de pesquisa – pelo menos no terreno das ciências humanas brasileiras –, no final da década de 1970, após a disseminação dos estudos de Michel Foucault por aqui<sup>6</sup>, talvez tenha dificultado também a divulgação dos estudos no formato de livros e sua circulação mais ampla.

Atualmente, podem-se minimizar as dificuldades em localizar e ter acesso à bibliografia de referência sobre temáticas variadas, dentre as quais a história da loucura e da psiquiatria, em razão dos avanços nos instrumentos de pesquisa existentes, como portais, base de dados e bibliotecas virtuais.<sup>7</sup> No entanto, a busca através de tais instrumentos nem sempre se revela simples na medida em que seguem metodologias diferentes. Isto exige, muitas vezes, um nível de informações que vai além de uma palavra-chave para realização de uma busca mais qualificada.

É certo que, cada vez mais, alunos(as) de graduação, mestrado e doutorado, professores(as) e pesquisadores(as) podem ter acesso a um conjunto de referências que baliza sua própria reflexão e, não é incomum que em muitos trabalhos (especialmente em dissertações e teses) se encontre um espaço dedicado ao que se chama, comumente, de revisão bibliográfica, onde autores(as) se dedicam a listar e analisar trabalhos que estabelecem diálogo com o seu. Porém, tais incursões são, na maioria das vezes, restritas à análise de parte bastante limitada da bibliografia sobre o tema.

Hipóteses podem ser formuladas estabelecendo que isso ocorra, talvez, em decorrência do tempo que demanda tal tarefa, ou em razão de escolhas feitas por pesquisadores(as), como fundamentar-se nos estudos mais conhecidos, seja porque foram os primeiros, porque

foram bastante divulgados, porque foram produzidos em centros de excelência na área ou simplesmente nos lugares centrais do país, como Rio de Janeiro e São Paulo, ou ainda porque foram publicados por editoras de grande circulação, ou pela opção por dialogar com uma produção próxima ao lugar de formação ou de atuação profissional dos(as) pesquisadores(as), ou, ainda, próxima, em razão de um recorte espacial ou temporal de um objeto. Considerando a bibliografia disponível sobre o tema, é possível afirmar que são raros os trabalhos que rompem com esses limites.

Sabe-se que, na maioria das vezes, é inviável, por motivos diversos – dentre os quais o próprio tempo ou o risco de desviar-se demasiado do problema de pesquisa –, pretender analisar, por exemplo, em um trabalho de dissertação ou tese, a totalidade da produção sobre um determinado tema de pesquisa. Por outro lado, é muito importante o conhecimento e o acesso ao maior número possível de referências no sentido de balizar com mais consistência as próprias escolhas analíticas, de traçar com mais precisão os caminhos de uma pesquisa original, dialogando e aprendendo com aquilo que já foi produzido.

No caso das dissertações e teses, o acesso está cada vez mais fácil através da busca direta nos sítios eletrônicos dos Programas de Pós-Graduação (PPGs) – disponibilidade obrigatória a partir da Portaria nº 013, 15/02/2006-CAPEs –, no Banco de Teses da CAPES ou na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD).

No entanto, há ausência ainda de uma sistematização mais abrangente da produção sobre a história da loucura e da psiquiatria, difusa e dispersa pelo país. Não há circulação das pesquisas levadas a cabo país a fora, particularmente nos programas de pós-graduação, e, assim, pesquisadores(as) da região Sul do país não conhecem (ou conhecem pouco) o que é produzido na região Norte do país, por exemplo, e vice-versa. A exceção talvez ocorra em relação a obras de autores(as) fixados no Sudeste brasileiro, seja porque lá se encontram também alguns centros de excelência formadores e disseminadores do conhecimento na área, ou a sede de algumas editoras de circulação nacional.

Assim, por um lado, não soa surpreendente que obras que abarcam e discutem aspectos circunscritos de uma experiência, específicos de certas circunstâncias históricas, locais e temporalmente delimitadas – como a da criação de uma instituição ou do envolvimento de grupos sociais com esta –, sejam alçadas a obras representativas de uma totalidade histórica. Neste sentido, a história da

<sup>6</sup> Diferentes estudos inspirados nos temas das obras de Foucault ou em suas reflexões teóricas surgiram no horizonte da pesquisa brasileira no final dos anos 1970. Como precursores, no que diz respeito à problemática da saúde, da medicina, da psiquiatria, da loucura e sua institucionalização, podem ser citados o livro coletivo de Machado *et al.* (1978) bem como os livros de Costa (1979, 1980) e Birman (1978).

<sup>7</sup> Cita-se como exemplos o Portal de Periódicos e o Banco de Teses da CAPES; a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e o Catálogo Coletivo Nacional (CCN), do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT); a Plataforma Lattes; a Scientific Electronic Library Online (SciELO); a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS da BIREME); a base de dados LILACS, todos instrumentos testados para o levantamento que deu suporte a este artigo.

loucura e da psiquiatria no Brasil foi instituída como tema/objeto/problema de pesquisa e ainda segue sendo constituída, em grande parte, a partir de poucas experiências, concentradas nos centros de investigação mais tradicionais por sua antiguidade e méritos científicos, tais como os que têm sede em São Paulo e no Rio de Janeiro e a partir de recortes analíticos, centrados nestes *loci*.<sup>8</sup>

Por outro lado, uma parte da produção na área tem pouca visibilidade, pois quando chega a ser publicada em periódicos científicos, isso ocorre em periódicos de circulação restrita. Muitos deles são distribuídos apenas local ou regionalmente e não estão disponíveis em sítios eletrônicos, ou em bibliotecas diversas, bases de dados bibliográficos ou portais virtuais. Pode-se citar como exemplo disso um número do periódico *Cadernos de História* da UFPE (ano VII, vol. 7, 2010), cujo dossiê “Escritos sobre a saúde, doenças e sociedade”, que não está disponível em sítio eletrônico, contém seis artigos na área da História da Loucura e da Psiquiatria. São artigos de qualidade que contêm informações e reflexões relevantes sobre temáticas de interesse na área, mas que certamente circularam pouquíssimo em razão da própria dificuldade de circulação do periódico.<sup>9</sup>

São poucos também os periódicos de circulação nacional, cujo recorte explícito diz respeito a problemáticas correlatas à história das ciências, à história das ciências da saúde, ou à história da saúde e da doença, podendo-se elencar aqui a revista *História, Ciências, Saúde – Manguinhos* e a *Revista da Sociedade Brasileira de História da Ciência*. Em periódicos de referência nacional do terreno da História, como a *Revista Brasileira de História*, publicação da *Associação Nacional de História – ANPUH*, eventualmente encontramos textos que podem ser identificados como desta área, podendo-se citar um número dedicado a “Ciência e Sociedade”.<sup>10</sup> Uma exceção importante, especialmente em relação à divulgação de artigos e documentos na área mais específica da História da Loucura e da Psiquiatria, é a *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, que mantém a seção “História da Psiquiatria”.

No início desta década, algumas obras coletivas, centradas na temática ampla da saúde e da doença e subtemáticas variadas, vieram à tona no cenário nacional, com objetivos variados como: apresentar “pesquisas

recentes que têm a saúde como tema central [...] tendo como foco principal o conflituoso processo de constituição da medicina científica no país” (Chalhoub *et al.*, 2003, p. 11); “oferecer ao leitor brasileiro um livro inédito que reunisse trabalhos e autores que instigassem a refletir sobre as relações entre saúde, doença e sociedade na América Latina em perspectiva histórica, espelhando o estado da arte deste campo emergente” (Hochman e Armus, 2004, p. 9); mostrar ao público uma seleção de textos que exploram “fontes especiais como a literatura, a mídia, os mitos, a construção de novos conceitos e referenciais – da medicina científica à medicina do trabalho – e os limites e possibilidades do uso de registros médicos no estudo da história das doenças” (Nascimento *et al.*, 2006, p. 8); dar “continuidade à proposta de reunir periodicamente a produção nacional no campo de estudo da história das doenças”, proporcionando “uma visão organizada dos muitos aportes à discussão da doença nas sociedades humanas” (Nascimento e Carvalho, 2010, p. 7).

Essas coletâneas têm como mérito principal, para além da própria qualidade editorial e da qualidade dos textos contidos em suas páginas, o de revelarem uma variedade de questões relativas à saúde coletiva no Brasil especificamente, bem como na América Latina e no Caribe. Isso permite, como afirma Bertolli Filho (2006), a visualização das peculiaridades nacionais, mas também dos pontos em comum, das mediações entre o nacional e o internacional, da adoção de modelos internacionais, da busca de soluções originais por cada país em relação à percepção e ao tratamento das doenças, para a organização das instituições de saúde, para o controle sanitário da população, entre outras questões pertinentes. Entre textos que recuperam variadas dimensões relacionadas à saúde e a seus correlatos, encontra-se, nestas obras coletivas – que têm em média 12 capítulos –, entretanto, apenas um ou outro texto que tem como objeto principal algum aspecto relacionado à história da loucura e da psiquiatria.<sup>11</sup>

A pequena presença de textos sobre tal temática em obras coletivas, com os objetivos acima expostos, motivou a autora deste artigo a organizar – em conjunto com outra pesquisadora – o livro *História e Loucura: saberes, práticas e narrativas* (Wadi e Santos, 2010). O objetivo principal foi divulgar um conjunto de trabalhos bastante significativos,

<sup>8</sup> Talvez o melhor exemplo seja o livro *Danação da norma: medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil* (Machado *et al.*, 1978), cujos argumentos centrais são constituídos a partir de uma realidade específica, a da capital do Império brasileiro. Tais argumentos, mesmo sendo ricos e instigadores de novas investigações, são muitas vezes repetidos acriticamente por pesquisadores(as) a despeito de investigarem realidades temporais e localmente distantes e diversas da investigada na obra referida.

<sup>9</sup> O ISSN deste periódico (1807-9229), quando buscado no site do WebQualis, no Portal da CAPES, remete a um periódico chamado *Gênero & História* (UFPE). Na busca direta na internet, *Gênero & História* aparece como título dos volumes I e II, dos *Cadernos de História*.

<sup>10</sup> Trata-se do vol. 1, n. 41, onde dois artigos discutem questões relacionadas à história da medicina (Silva, 2001, p. 201-216; Teixeira, 2001, p. 217-242), porém, nenhum é voltado especificamente às problemáticas da história da loucura e da psiquiatria.

<sup>11</sup> Na coletânea publicada por Chalhoub *et al.* (2003), encontra-se o texto de Engel (2003); na organizada por Hochman e Armus (2004), há o texto de Zulawski (2004); e na organizada por Nascimento *et al.* (2006), há apenas um texto que tangencia a temática ao tratar do alcoolismo e retratar a passagem do escritor Lima Barreto pelo Hospício de Dom Pedro II, o texto de Santos (2006). Somente na coletânea organizada por Nascimento e Carvalho (2010), encontramos mais textos que podemos considerar como parte do campo temático em destaque, cf. Dias e Muñoz (2010); Oliveira (2010); Paula (2010); e Santos (2010).

fruto de produção recente e oriunda, em sua maioria, de pesquisas acadêmicas ainda não publicadas. Organizada em torno dos eixos “Saberes e práticas: medicina, instituições psiquiátricas e direitos” e “Narrativas: literatura, escrituras ordinárias, prontuários e outras narrativas”, a obra é uma das raras publicações brasileiras totalmente dedicada ao tema em discussão.

Por outro lado, pode-se afirmar que é uma prática comum na pesquisa o mergulho nas bibliotecas locais (das universidades e outras instituições de pesquisa) – consultando inicialmente seus catálogos digitais –, em busca de livros, artigos, dissertações, teses, etc. que possam contribuir na resolução de suas problemáticas específicas. Porém, a realidade – a despeito dos esforços recentes em minorar as dificuldades através da criação de instrumentos de pesquisa como o Portal de Periódicos da CAPES, por exemplo – é que, muitas vezes, não estão disponíveis os títulos mais interessantes no sentido de estimular pesquisas inovadoras e originais, que não repitam, às vezes, anacronicamente, o já dito.

Outro patamar analítico pode ser alcançado se houver um maior conhecimento da diversidade das pesquisas realizadas nas diversas unidades federativas, versando sobre acontecimentos, contextos, temas, etc. circunscritos por este recorte espacial, mas também a partir das diferentes escolas historiográficas nas quais se gestam. Além disso, a circulação das pesquisas possibilita um aprofundamento a partir do conhecimento das especificidades e também das similitudes dos processos, estabelecendo uma cultura historiográfica fundamental para a realização de estudos comparativos e a elaboração de novas problemáticas, quiçá.

Considerando tais questões, são apresentados, no próximo item, os procedimentos metodológicos da pesquisa, que gerou os resultados apresentados neste artigo para, na sequência, discutir tais resultados.

## Desafios metodológicos

Para o levantamento das dissertações e teses foram utilizados diversos procedimentos metodológicos, conforme os desafios surgiam. O primeiro procedimento foi a verificação da listagem de PPGs da área de História, gerada pela CAPES e acessível em seu Portal Eletrônico (<http://www.capes.gov.br/>), seguida do levantamento pormenorizado em todos os pertencentes à referida área. Em razão do interesse especial em conhecer em maior profundidade a produção oriunda dessa área, realizaram-se várias revisões do levantamento, identificando-se os programas e cursos credenciados e a produção mais recente, até o final do ano de 2011. Porém, é provável que alguns trabalhos defendidos ainda naquele ano não tenham sido

incluídos, especialmente os defendidos nos últimos meses do ano e não disponibilizados em sítio eletrônico até a finalização do levantamento.

Os sítios eletrônicos dos programas foram localizados, na maioria das vezes, através do próprio sítio eletrônico da CAPES e sua listagem dos programas e cursos. Nessa relação, cada programa é um *link* que gera uma página com as informações específicas deste, onde se encontram diversos dados cadastrais e, em sua maioria, o *link* de acesso às páginas eletrônicas oficiais dos programas e cursos. Nos casos em que tais páginas não estavam informadas, os endereços foram localizados através de ferramentas de busca na internet ou diretamente nos sítios eletrônicos das instituições de ensino superior (IES), às quais os programas e cursos estão vinculados. Há casos isolados em que o programa ou curso ainda não possui um sítio próprio, sendo apenas disponibilizadas informações gerais, como processo seletivo, linhas de pesquisa, etc., em uma página no sítio da IES.

Acessando-se os sítios eletrônicos de cada programa por um dos caminhos acima indicados, encontrou-se, na maioria deles, *links* para acesso direto à produção acadêmica (docente e discente) ou para a biblioteca digital na qual o programa deposita os trabalhos defendidos. Nesse estágio da pesquisa, já foi possível identificar uma grande heterogeneidade nas formas através das quais os programas disponibilizam esse material: uns disponibilizam apenas os títulos, as datas e os nomes dos(as) autores(as); outros acrescentam a esses dados resumos e informações adicionais; e ainda, há aqueles que já disponibilizam o trabalho completo, além dos que não disponibilizam nenhum tipo de acesso tendo de partir-se para a biblioteca digital da IES, acessar o acervo que esta disponível para pesquisa *online* para obter os trabalhos ou dados adicionais.

Em casos particulares, fez-se necessária a busca através do próprio sítio da CAPES que, na página específica de cada programa/curso, disponibiliza título, autor(a), orientador(a) e data de defesa, em um *link* denominado Caderno de Identificadores, que dá acesso, entre outras informações, às Teses e às Dissertações. Observou-se ainda, na busca nos sítios eletrônicos dos programas, que, quando há listas de títulos, essas nem sempre seguem uma lógica temporal, isto é, além de não estarem em ordem cronológica, os trabalhos de alguns anos não estão disponibilizados, o que pode gerar uma pequena distorção no resultado final. Porém, acredita-se que tal não comprometa sua validade na medida em que, com a utilização dos mecanismos indicados, foi possível o acesso a praticamente toda a produção da área no período delimitado.

As IES, de modo geral, possuem um sistema de bibliotecas que possibilita, após a obtenção de algum dado como nome do(a) autor(a) ou título do trabalho, o acesso

a mais informações como o resumo, a localização nos espaços físicos das bibliotecas ou ainda acessar o trabalho completo. Os sistemas mais utilizados para localização dos acervos das bibliotecas são os sistemas denominados PERGAMUM e SABI, porém, algumas universidades possuem sistemas próprios, em sua maioria vinculados ou baseados nesses sistemas. Já outras IES utilizam um sistema separado do acervo geral da biblioteca, próprio para depósito das dissertações e teses, vinculado à Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). O BDTD específico de cada Universidade fornece acesso por programa de pós-graduação, gerando uma lista de trabalhos específicos por área e subárea do conhecimento, com links de acesso aos trabalhos completos.

Em alguns casos, em que o sítio eletrônico do programa disponibilizou somente título, nome do(a) autor(a) e data, encontraram-se os resumos e demais informações básicas no Banco de Teses da CAPES. Porém, esse sistema só dá acesso a informações de teses e dissertações defendidas a partir de 1987. No banco da CAPES, a partir do nome do(a) autor(a), da instituição, do assunto ou da instituição e do ano base, localizam-se os trabalhos. Com esses dados preenchidos, outra página é gerada com a listagem de trabalhos (títulos, nome de autor(a) e ano de defesa). Ao se clicar no trabalho buscado, visualizam-se outros dados, como: quantidade de volumes disponíveis; número de páginas; a IES em que foi defendido; programa a que está vinculado; orientador; biblioteca física onde se localiza o trabalho impresso. Há também informações adicionais como área do conhecimento; banca examinadora; linha de pesquisa vinculada; idioma; dependência administrativa (federal, estadual, particular). Em alguns casos essa página também disponibiliza o e-mail do(a) autor(a) e a agência(s) financiadora(s) da tese/dissertação. Em todos os casos, como já dito, pode-se encontrar as palavras-chave e os resumos dos trabalhos. É importante ressaltar que as palavras-chave e os resumos disponíveis no Banco de Teses da CAPES nem sempre são os mesmos encontrados nos trabalhos originais, como pode-se constatar em alguns dos trabalhos completos pertencentes ao acervo do projeto. Como as informações são limitadas por caracteres há, muitas vezes, resumos ou palavras-chave incompletos.<sup>12</sup>

Localizadas as teses e as dissertações defendidas, todas as que se encontravam disponíveis em sítio eletrônico foram acessadas e armazenadas em meio eletrônico, passando-se a buscar aquelas que não estavam disponíveis. Essa tarefa também se mostrou bastante complicada na medida em que, mesmo tendo recursos para deslocamentos, era inviável percorrer todas as bibliotecas universitárias

do país nas quais os trabalhos estavam depositados. Sendo assim, optou-se por fazer uma busca direta em algumas das bibliotecas universitárias dos estados do sul (UFRGS, PUC-RS, UFPR, UFSC), sudeste (FIOCRUZ, PUC-RJ, UFRJ, USP, PUC-SP) e no DF (UnB), nas quais foram localizados, além dos trabalhos produzidos nas universidades sede, alguns raros trabalhos de outras universidades. Contou-se também com a contribuição de autores(as) que enviaram exemplares de seus trabalhos, bem como com o recurso do COMUT, que não pode ser utilizado em larga escala devido ao seu alto custo.

Outro procedimento para a localização física da produção, especialmente da mais antiga, foi a busca na Biblioteca Nacional, situada na cidade do Rio de Janeiro (RJ). Porém, essa busca resultou infrutífera, pois, ao contrário do que se acreditava, por conta da informação de que os cursos e programas enviavam cópias da produção para o acervo da referida biblioteca, não há cópias disponíveis lá.

Para a análise prevista foi necessária a identificação das palavras-chave e dos resumos das dissertações e teses. Nos casos dos trabalhos completos acessados pela internet ou adquiridos através da busca direta nas bibliotecas universitárias, deu-se prioridade aos resumos e às palavras-chave contidas no corpo dos trabalhos e não àquelas registradas no Banco de Teses da CAPES. Para os trabalhos identificados, mas não acessíveis em sítio eletrônico ou não localizados fisicamente, buscou-se, no referido banco, tais informações. Em alguns casos, utilizou-se também essa ferramenta para selecionar resumos e palavras-chave, pois alguns dos trabalhos acessados em sítio eletrônico ou fisicamente não os possuem.

Todas as informações encontradas e organizadas inicialmente na forma de tabelas no programa Microsoft Word foram transferidas para o banco de dados criado especialmente para o projeto através do software Sphinx Léxica. Esse software permite a organização de um grande número de informações, criando formulários específicos para o tipo de pesquisa desenvolvida e, assim, possibilitando a estruturação dos dados em questões com tipologias próprias. O mais importante é a possibilidade de uma leitura qualitativa das informações em forma de texto (como os resumos) disponíveis no banco de dados.<sup>13</sup>

## A produção brasileira de teses e dissertações: quadro geral

Foram localizados 93 trabalhos (24 teses e 69 dissertações) defendidos em PPGs da área de História,

119

<sup>12</sup> O levantamento de teses e dissertações pode ser realizado também através do campo 'assunto' existente em diversas bases de dados, como Domínio Público ou LILACS, ou nos acervos *online* das bibliotecas das IES, porém, esse é um caminho bastante complicado e demorado, na medida em que não há possibilidade de filtrar por área do conhecimento.

<sup>13</sup> A licença para uso do *software* foi adquirida com recursos de editais de fomento do CNPq e da Fundação Araucária.

recomendados e reconhecidos pela CAPES, concernentes à especialidade História da Loucura e da Psiquiatria, entre os anos de 1980 e 2011, como se pode ver na Tabela 1.

Em alguns dos trabalhos selecionados, a loucura, os loucos, o saber psiquiátrico, a instituição psiquiátrica *stricto sensu*, entre outros temas/objetos ou problemas que constituem a especialidade em discussão, não têm centralidade. Porém, esses trabalhos, ao focarem outras questões, apresentam importantes discussões sobre essa temática, o que justifica sua inserção neste quadro. Um bom exemplo são trabalhos que tomam as Santas Casas de Misericórdia como cenário ou recorte espacial em diferentes pontos do território nacional.<sup>14</sup> Se alguns deles dedicam-se a explorar exatamente a dimensão da assistência à loucura sob diferentes aspectos nestas instituições<sup>15</sup>; outros apresentam apenas discussões pontuais sobre o espaço nelas destinado aos asilados, relacionando tal ao que constitui o eixo central de cada trabalho.<sup>16</sup>

Considerando as 26 unidades federativas brasileiras, mais o Distrito Federal, existe produção no tema em apenas 13 destas. Essa produção, que aparece timidamente na década de 1980 (apenas dois trabalhos ou 2,2% do

total levantado), começa a ganhar densidade na década de 1990 (14 trabalhos ou 15%) e cresce no início dos anos 2000 (55 trabalhos ou 59,1%). É perceptível a efetivação dessa especialidade temática na medida em que, nos dois primeiros anos da década que vivemos (2010-2011), já foram defendidos 22 trabalhos (ou 23,7%).

Esses números sugerem um interesse crescente pela temática nos últimos anos e várias podem ser as justificativas para tal, dentre as quais o acirramento da discussão em torno da chamada reforma psiquiátrica.<sup>17</sup> Tal discussão, iniciada já no final da década de 1970, consolida-se como movimento social nos anos 1980-1990 e, no início dos anos 2000, institucionaliza-se com a promulgação de várias leis estaduais e da lei nacional de reforma psiquiátrica (2001), além de uma série de portarias que regulam o setor (Brasil, 2004).

Como se visualiza também na Tabela 1, a maior parte da produção está concentrada no estado do Rio de Janeiro (27 trabalhos), especialmente após criação do PPG em História das Ciências e da Saúde, da COC-FIOCRUZ, em 2001. Mas há também uma grande produção nas universidades localizadas em São Paulo

**Tabela 1.** Distribuição considerando a década de produção e a Unidade Federativa.

**Table 1.** Distribution considering the decade of production and the State.

UF \ Década	1980 a 1989	1990 a 1999	2000 a 2009	2010 e 2011	TOTAL
BA	0	1	3	0	4
CE	0	0	0	1	1
DF	0	0	1	2	3
GO	0	0	0	2	2
MT	0	0	1	0	1
MG	0	0	5	1	6
PB	0	0	2	0	2
PR	0	0	3	1	4
PE	0	0	2	1	3
RJ	0	3	15	9	27
RS	0	2	10	2	14
SC	0	1	4	0	5
SP	2	7	9	3	21
<b>TOTAL</b>	<b>2</b>	<b>14</b>	<b>55</b>	<b>22</b>	<b>93</b>

<sup>14</sup> Eram estas, majoritariamente, as instituições que, juntamente com as cadeias públicas, acolhiam os tidos como loucos em suas dependências antes da criação de espaços especialmente destinados a eles.

<sup>15</sup> Exemplos são as dissertações de mestrado de Lorenzo (2007) e Oliveira (2011).

<sup>16</sup> Um exemplo é a dissertação de mestrado de Pizani (2006). Nesta, o objetivo principal é a investigação sobre a atuação da congregação francesa de São José de Moutiers na instituição de caridade, porém, há um tópico de um capítulo dedicado à situação dos alienados na Santa Casa de Misericórdia de Curitiba e aos movimentos - que envolveram as irmãs de caridade - para a construção de um hospital especialmente destinado aqueles.

<sup>17</sup> Para entender o que significa reforma psiquiátrica no Brasil, ver Amarante (1995) e Yasui (2010).

(22) e no Rio Grande do Sul (14). Nos demais estados da federação, a produção é ainda pequena se comparada à produção destes estados.

A Tabela 2 mostra que, do total de 93 trabalhos localizados, as IES brasileiras com maior produção são: 1º FIOCRUZ (17); 2º UFRGS (10); 3º USP (8); 4º UNICAMP (7); 5º UFSC (5); 6º UFBA – UFU – UFF – PUC-SP (4 trabalhos cada uma). A maior produção na FIOCRUZ deve-se, sem dúvida, ao fato de essa institui-

ção contar com um PPG cuja área de concentração é a história das ciências e da saúde, o que não é característica de nenhum dos outros PPGs ou cursos onde há produção.

Nas instituições que ocupam o 2º, o 3º, o 4º, o 5º e o 6º lugar nas quais há uma produção razoável, considerando-se o amplo campo de interesses dos historiadores(as) contemporâneos, a análise dos currículos dos(as) professores(as) orientadores(as) – que se pode conhecer na Tabela 3 – aponta profissionais que podem ser

**Tabela 2.** Distribuição considerando a década de produção e a instituição de ensino superior.

**Table 2.** Distribution considering the decade of production and the university.

<b>IES</b> \ <b>Década</b>	<b>1980 a 1989</b>	<b>1990 a 1999</b>	<b>2000 a 2009</b>	<b>2010 e 2011</b>	<b>TOTAL</b>
UFBA	0	1	3	0	4
UnB	0	0	1	2	3
UFG	0	0	0	2	2
UFMG	0	0	1	0	1
UFU	0	0	4	0	4
UFSJ	0	0	0	1	1
UFMT	0	0	1	0	1
UFPB-J.P.	0	0	1	0	1
UFMG	0	0	1	0	1
UFPE	0	0	2	1	3
UFPR	0	0	3	0	3
UFF	0	2	2	0	4
USS	0	1	1	0	2
UFRGS	0	2	6	2	10
PUC-RS	0	0	2	0	2
UNISINOS	0	0	1	0	1
UPF	0	0	1	0	1
UFSC	0	1	4	0	5
UNICAMP	0	5	2	0	7
UNESP-Franca	0	0	1	1	2
PUC-SP	1	0	2	1	4
UFRJ	0	0	1	0	1
FIOCRUZ	0	0	8	9	17
UECE	0	0	0	1	1
USP	1	2	4	1	8
PUC-RJ	0	0	3	0	3
UNIOESTE	0	0	0	1	1
<b>TOTAL</b>	<b>1</b>	<b>14</b>	<b>55</b>	<b>21</b>	<b>93</b>

Fonte: Dados da pesquisa.

**Tabela 3.** Distribuição considerando orientador(a) – IES e a década de produção.  
**Table 3.** Distribution considering the adviser – university and decade of production.

<b>Orientador(a) - IES</b>	<b>Década</b>	<b>1980 a 1989</b>	<b>1990 a 1999</b>	<b>2000 a 2009</b>	<b>2010 e 2011</b>	<b>TOTAL</b>
Cristiana Facchinetti (FIOCRUZ)		0	0	3	2	5
Ana Teresa Acatauassú Venâncio (FIOCRUZ)		0	0	2	2	4
Carlos Alberto Cunha Miranda (UFPE)		0	0	2	1	3
Sandra Jatahy Pesavento (UFRGS)		0	0	3	0	3
Ana Paula Vosne Martins (UFPR)		0	0	2	0	2
André de Faria Pereira Neto (FIOCRUZ)		0	0	1	1	2
Antonio Edmilson Martins Rodrigues (PUC-RJ)		0	0	2	0	2
Benito Bisso Schmidt (UFRGS)		0	0	1	1	2
Celi Regina Jardim Pinto (UFRGS)		0	1	0	1	2
Flavio Coelho Edler (FIOCRUZ)		0	0	0	2	2
Karla Adriana Martins Bessa (UFF)		0	0	2	0	2
Luzia Margareth Rago (UNICAMP)		0	1	1	0	2
Lígia Bellini (UFBA)		0	0	2	0	2
Magali Gouveia Engel (UFF)		0	0	2	0	2
Maria Clara Tomaz Machado (UFU)		0	0	2	0	2
Maria Clementina Pereira Cunha (UNICAMP)		0	2	0	0	2
Maria Odila Leite da Silva Dias (USP/PUC-SP)		0	0	1	1	2
Nanci Leonzo (USP)		0	1	1	0	2
Susana Bleil de Souza (UFRGS)		0	1	1	0	2
Adriano Luiz Duarte (UFSC)		0	0	1	0	1
Alarcon Agra do Ó (UFMG)		0	0	1	0	1
André Luiz Vieira de Campos (UFF)		0	1	0	0	1
Betânia Gonçalves Figueiredo (UFMG)		0	0	1	0	1
Carlos Roberto Figueiredo Nogueira (USP)		0	1	0	0	1
Cristina de Cássia Pereira Moraes (UFG)		0	0	0	1	1
Denise B. de Sant'anna (PUC-SP)		0	0	1	0	1
Dilene Raimundo do Nascimento (FIOCRUZ)		0	0	0	1	1
Eliane Moura da Silva (UNICAMP)		0	0	1	0	1
Élio Cantalício Serpa (UFG)		0	0	0	1	1
Ernesto Aníbal Ruiz (UFSC)		0	0	1	0	1
Euclides Marchi (UFPR)		0	0	1	0	1
Hercília Mara Facuri Coelho (UNESP-Franca)		0	0	1	0	1
Holien Goncalves Bezerra (PUC-SP)		1	0	0	0	1
Ione De Fátima Oliveira (UnB)		0	0	0	1	1

Tabela 3. Continuação.

Table 3. Continuation.

Ítalo Arnaldo Tronca (UNICAMP)	0	1	0	0	1
Jorge Sidney Coli Jr (UNICAMP)	0	1	0	0	1
José Costa D'Assunção Barros (USS)	0	0	1	0	1
Lina Maria Brandão de Aras (UFBA)	0	0	1	0	1
Lincoln de Abreu Penna (USS)	0	1	0	0	1
Ludmila de Lima Brandão (UFMT)	0	0	1	0	1
Luiz Carlos Tau Golin (UPF)	0	0	1	0	1
José Sebastião Witter	1	0	0	0	1
Jean Marcel Carvalho França (UNESP-Franca)	0	0	0	1	1
Márcia de Melo Martins Kuyumjian (UnB)	0	0	0	1	1
Marcos Antonio da Silva (USP)	0	0	1	0	1
Marcos Luiz Bretas Da Fonseca (UFRJ)	0	0	1	0	1
Margarida de Souza Neves (PUC-RJ)	0	0	1	0	1
Maria Amelia Dantes Mascarenhas (USP)	0	0	1	0	1
Maria Bernardete Ramos Flores (UFSC)	0	1	0	0	1
Maria Cristina Bohn Martins (UNISINOS)	0	0	1	0	1
Maria Helena Ochi Flexor (UFBA)	0	1	0	0	1
Moisés Romanazzi Torres (UFSJ)	0	0	0	1	1
Nanci Leonzo (USP)	0	0	1	0	1
Nísia Verônica Trindade Lima (FIOCRUZ)	0	0	1	0	1
Paulo Duarte Carvalho Amarante (FIOCRUZ)	0	0	1	0	1
Rachel de G. Fróes da Fonseca (FOCRUZ)	0	0	0	1	1
Regina Célia Lima Xavier (UFRGS)	0	0	1	0	1
Renata Palandri Sigolo Sell (UFSC)	0	0	1	0	1
René Ernani Gertz (PUC-RS)	0	0	1	0	1
Ruth Maria Chittó Gauer (PUC-RS)	0	0	1	0	1
Tânia Navarro Swain (UnB)	0	0	1	0	1
Uyguaciara Veloso Castelo Branco (UFPB-JP)	0	0	1	0	1
Valmir Francisco Muraro (UFSC)	0	0	1	0	1
Vânia Leite Fróes (UFF)	0	1	0	0	1
Yonissa Marmitt Wadi (UNIOESTE)	0	0	0	1	1
Yvone Dias Avelino (PUC-SP)	0	0	0	1	1
Zilda Marcia Gricoli Iokoi (USP)	0	0	1	0	1
Zilda Maria Menezes Lima (UECE)	0	0	0	1	1
<b>TOTAL</b>	<b>1</b>	<b>14</b>	<b>55</b>	<b>21</b>	<b>93</b>

Fonte: Dados da pesquisa.

identificados com uma ou mais das tendências a seguir: trajetória e produção na subárea da História das Ciências; trajetória e produção em especialidades relacionadas à saúde-doença; proximidades teóricas com o pensamento de Michel Foucault; com a história social da medicina; ou, mais recentemente, com a história cultural.<sup>18</sup>

A Tabela 3 é interessante para visualizar, como indicado anteriormente, quem são os(as) profissionais da História (ou de áreas afins) que têm orientado dissertações e teses na especialidade. Esses números, sem dúvida, reproduzem a distribuição que se viu anteriormente em relação às IES nas quais se localiza a produção, destacando-se profissionais ligados ao PPG em História das Ciências e da Saúde da FIOCRUZ, como Cristiana Facchinetti e Ana Teresa Venancio. Nessa tabela, é também possível visualizar, considerando o conjunto dos(as) profissionais ligados aos PPGs e cursos, quais efetivamente orientam na área.

Cruzando as informações curriculares dos(as) orientadores(as) com a leitura dos resumos ou dos trabalhos completos, percebe-se também que muitas teses e dissertações cruzam problemáticas diretamente ligadas à História da Loucura e da Psiquiatria, com problemáticas de interesse dos(as) orientadores(as), que são marcantes em suas trajetórias acadêmicas. Encontra-se, assim, dentre os(as) orientadores(as), profissionais com tradição em pesquisa sobre escravidão no Brasil, como Regina Xavier (UFRGS), que orientou a dissertação *E aqui enloqueço: a alienação mental na Porto Alegre escravista (c.1843-c.1872)*, de Lorenzo (2007); ou outros(as) com uma produção vinculada aos estudos sobre as mulheres e as relações de gênero, que acabam por atrair e/ou influenciar estudos que se centram nessas questões ao estudar problemáticas do campo temático da História da Loucura e da Psiquiatria, como o próprio trabalho da autora deste artigo, *Louca pela vida: a história de Pierina* (Wadi, 2002a), ou a dissertação *A construção do moderno e da loucura: mulheres no Sanatório Pinel de Pirituba (1929-1944)*, de Juliana Suckow Vacaro (2011), ambos orientados por Maria Odila Leite da Silva Dias (USP/PUC-SP), uma autora reconhecida no campo dos estudos feministas.

É importante destacar também que há um espalhamento na orientação, ou seja, há vários e diferentes orientadores(as) de trabalhos nessa especialidade, não havendo uma convergência para um ou outro nome. Esse movimento pode significar, dentre outras questões pertinentes, o reconhecimento de profissionais com produção

em especialidades diversas, da relevância do tema/objeto/problema de pesquisa. Por outro lado, há um número significativo de autores(as) de teses e dissertações nesta especialidade dentre os trabalhos localizados que, atuando em PPGs e cursos da área de História, tornaram-se orientadores(as) de teses e dissertações nessa mesma especialidade. Um exemplo significativo desse duplo pertencimento e da manutenção de uma área de interesse na passagem da condição de orientada para orientadora é Maria Clementina Pereira Cunha, atualmente professora aposentada da UNICAMP, autora da primeira tese de doutorado vinculada à História da Loucura e da Psiquiatria. Trata-se de *O Espelho do Mundo: Juquery, a história de um asilo*, defendida em 1986, no PPG em História Social da USP e orientada por José Sebastião Witter. A tese foi publicada no formato livro no mesmo ano da defesa.<sup>19</sup>

Como se pode observar nas Tabelas 4 e 5, dentre os 93 trabalhos encontrados, 64 estão disponíveis em sítio eletrônico.<sup>20</sup> Já o único trabalho defendido na década de 1980-1989 não está disponível em sítio eletrônico, assim como a maioria dos trabalhos defendidos na década de 1990-1999 ainda está indisponível. Porém, o que se tem observado é que parte significativa dos programas tem se esforçado em tornar disponível sua produção em sítio eletrônico, neste sentido, fazendo chamadas aos ex-alunos para que disponibilizem seus trabalhos para publicação. Por outro lado, nota-se que muitos trabalhos defendidos já nas décadas mais recentes não estão disponíveis para acesso virtual, não sendo possível apontar os motivos dessa ausência, ou, ainda, que certos PPGs ou cursos não disponibilizam nenhum dos seus títulos nos próprios sítios eletrônicos, indicando a busca nas bibliotecas virtuais. Nestas, por vezes, as dissertações e teses estão disponíveis, porém, com acesso restrito aos usuários cadastrados nas referidas bibliotecas.

Considerando-se os títulos das teses e das dissertações produzidas no intervalo temporal delimitado, como mostram as Tabelas 6 e 7, observa-se que a maioria delas expressa naqueles seu vínculo com a História da Loucura e da Psiquiatria através de certas palavras que se repetem como mais frequência.

Em relação às 69 dissertações, destacando-se as palavras referidas, igual ou mais que cinco vezes, observa-se que: a palavra *loucura* é a mais citada (32 vezes), seguida da palavra *mental* (14 vezes), que, nos títulos, vem acompanhada sempre de outras palavras, como saúde

<sup>18</sup> Sobre a influência de determinadas tendências teóricas ou da inserção em determinadas subáreas do conhecimento histórico, na produção dentro da especialidade em discussão, ver Huertas (2001, 2012).

<sup>19</sup> Há uma série de outros exemplos possíveis, como o de Magali Gouveia Engel (professora da UFF), que foi orientada por Maria Clementina Pereira Cunha em sua tese de doutorado (Engel, 1995) e que também orientou trabalhos na especialidade, como a tese de Maristela Nascimento Duarte (2009) e, ainda, o próprio caso da autora deste artigo, que tendo defendido dissertação e tese na área como indicado anteriormente, orientou a dissertação de Franciele Aparecida de Araújo (2011).

<sup>20</sup> Tal disponibilização por parte dos PPGs e cursos foi incrementada a partir dos anos 2000, especialmente após a obrigatoriedade estabelecida pela Portaria nº 013 - CAPES (15/02/2006) (CAPES, 2006).

**Tabela 4.** Distribuição considerando a disponibilidade em sítio eletrônico por década e IES.**Table 4.** Distribution considering the availability in electronic sites by decade and University.

IES \ Década	1990 a 1999	2000 a 2009	2010 e 2011	TOTAL
UFBA	0	2	0	2
UnB	0	0	1	1
UFG	0	0	2	2
UFU	0	4	0	4
UFSJ	0	0	1	1
UFMT	0	1	0	1
UFPB-J.P.	0	1	0	1
UFPE	0	1	1	2
UFPR	0	3	0	3
UFF	0	1	0	1
UFRGS	0	5	2	7
UNISINOS	0	1	0	1
UFSC	0	4	0	4
UNICAMP	4	2	0	6
UNESP-Franca	0	0	1	1
PUCSP	0	1	1	2
FIOCRUZ	0	8	9	17
UECE	0	0	1	1
USP	0	4	1	5
PUCRJ	0	1	0	1
UNIOESTE	0	0	1	1
<b>TOTAL</b>	<b>4</b>	<b>39</b>	<b>21</b>	<b>64</b>

Fonte: Dados da pesquisa.

(7), doença (3), higiene (2), sofrimento (1), desordem (1), medicina (1), alienação (1), formando expressões. As palavras *Hospital* (7 vezes) e *Hospício* (6 vezes) são acompanhadas em geral de um nome próprio, como: 'Hospital Colônia de Barbacena', 'Hospital de Clínicas da UFU', 'Hospital Colônia Santana', 'Hospital Psiquiátrico Pinel de Pirituba', 'Hospital Filadélfia de Marechal Cândido Rondon' (cada um com uma citação) e ainda hospital de alienados e hospital geral, ou 'Hospício São Pedro' (2), 'Hospício Nossa Senhora da Luz', 'Hospício Nacional de Alienados', 'Hospício de Diamantina', 'Hospício de Pedro II' (cada um com uma citação).

O termo *psiquiátrica* (7 vezes citado) também surge acompanhado das palavras reforma (2), assistência (2), institucionalização, instituição, internação (cada uma

com uma citação); o termo *assistência*, que acompanha a palavra psiquiátrica (2), como se viu, também aparece vinculado às expressões 'em saúde mental' ou 'a alienados', ou ainda sozinho; o termo *medicina*, surge sozinho (3) ou acompanhado das palavras 'mental' (1) e Faculdade' (1); a palavra *alienados* surge sozinho ou acompanhada das palavras 'Asilo de', 'hospital de', 'Hospício Nacional de'. O termo *psiquiatria* surge em geral nomeando a ciência/o saber e seu desenvolvimento no país ou em um estado da federação (RJ ou RS), sua especialidade (para a infância) ou sua atuação em questões como a relação loucura e assassinato.

Dentre as palavras que foram referidas 5 ou mais vezes nos títulos, encontram-se ainda as palavras: *estudo* (referindo-se em geral a 'estudos de caso'); *Rio* (referindo-se

**Tabela 5.** Distribuição considerando a indisponibilidade em sítio eletrônico por década e IES.  
**Table 5.** Distribution considering the unavailability in electronic sites by decade and University.

<b>IES</b> \ <b>Década</b>	<b>1980 a 1989</b>	<b>1990 a 1999</b>	<b>2000 a 2009</b>	<b>2010 e 2011</b>	<b>TOTAL</b>
UFBA	0	1	1	0	2
UnB	0	0	1	1	2
UFMG	0	0	1	0	1
UFCG	0	0	1	0	1
UFPE	0	0	1	0	1
UFF	0	2	1	0	3
USS	0	1	1	0	2
UFRGS	0	2	1	0	3
PUC-RS	0	0	2	0	2
UPF	0	0	1	0	1
UFSC	0	1	0	0	1
UNICAMP	0	1	0	0	1
UNESP-Franca	0	0	1	0	1
PUC-SP	1	0	1	0	2
UFRJ	0	0	1	0	1
USP	1	2	0	0	3
PUC-RJ	0	0	2	0	2
<b>TOTAL</b>	<b>2</b>	<b>10</b>	<b>16</b>	<b>1</b>	<b>29</b>

Fonte: Dados da pesquisa.

a estudos centrados nos estado do Rio de Janeiro – 9 vezes, ou Rio Grande do Sul – 2 vezes); *São* (composta com nomes próprios como São Luis, São Vicente de Paula, São José de Moutiers, São Pedro – 2 vezes; ou ainda a um nome simples, como ‘corpo são’); e *século* (anunciando o recorte temporal dos trabalhos: XX – 3 vezes e XIX – 2 vezes).

No caso das 24 teses, há pouca repetição de palavras nos títulos dos diferentes trabalhos. Destacam-se, portanto, as que aparecem mais ou igual a 3 vezes: loucura (7), psiquiatria (6), Brasil (5), médicos (4), Rio (4), São (4), 1930 (4), corpo (3), discursos (3), história (3), Janeiro (3), medicina (3). Várias dessas palavras aparecem de forma composta, como ‘história da psiquiatria’ ou ‘discursos médicos no Brasil’. Palavras como: Rio, São, Janeiro e 1930 aparecem nas teses, como nas dissertações, nomeando cidades ou estados da federação (Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, São Paulo), instituições (São Vicente de Paula, São João de Deos) ou indicando o limite inicial ou final de recorte temporal.

Tanto em relação às dissertações quanto às teses, há indicação do recorte temporal nos títulos de grande

parte dos trabalhos: 79 referências a anos, séculos, épocas dentre 493 palavras usadas para a composição dos títulos de dissertações; 30 vezes dentre 212 palavras usadas nos títulos da teses. O uso de tais referentes evidencia uma característica marcante do método historiográfico, ou seja, a atenção à temporalidade (Aróstegui, 2006), evidenciando que uma datação correta e o concurso da cronologia - para além de qualquer ideia de linearidade ou de uma história calendário - são imprescindíveis, por exemplo, para a compreensão da vida da humanidade e de suas sociedades, principal objeto do conhecimento histórico (Petersen e Lovato, 2013; Koselleck, 2006).

Por outro lado, há, nos títulos de muitos trabalhos, a indicação do nome da instituição, da cidade, do estado da federação, do país, ou ainda do grupo, da corporação, etc., que circunscreve o lócus da pesquisa, evidenciando assim outra marca do método historiográfico: a atenção à espacialidade (Aróstegui, 2006; Petersen e Lovato, 2013). Se a delimitação do espaço, em geral, remete à geografia (o território de um país, estado ou cidade), é também uma

**Tabela 6.** O que expressam os títulos das dissertações.**Table 6.** What the titles of the master theses express.

<b>Década</b>	<b>1980 - 1989</b>	<b>1990 - 1999</b>	<b>2000 - 2009</b>	<b>2010 e 2011</b>	<b>Total</b>
<b>Palavra título</b>					
loucura	0	5	18	9	32
mental	0	3	9	2	14
Rio	0	3	4	2	9
Hospital	0	2	3	2	7
Janeiro	0	1	4	2	7
psiquiátrica	1	1	3	2	7
saúde	0	0	7	0	7
Hospício	0	1	4	1	6
São	0	1	2	3	6
1930	0	2	2	1	5
alienados	0	1	1	3	5
assistência	0	0	3	2	5
medicina	0	1	3	1	5
Brasil	0	1	4	0	5
estudo	0	1	3	1	5
psiquiatria	0	1	3	1	5
século	0	0	5	0	5

Fonte: Dados da pesquisa.

forma de indicar especificidades da atuação ou da vida de determinadas comunidades, grupos ou indivíduos, evitando generalizações que, se por um lado são importantes, por outro podem gerar anacronismos e distorções outras.

Se as palavras que compõem os títulos dos trabalhos expressam, em geral, o vínculo com o campo de pesquisa, com lugares geográficos, instituições e temporalidades, as palavras-chave que acompanham os resumos reafirmam tais vínculos em alguns casos, mas apontam para uma diversidade de questões que circunscrevem as especificidades das problemáticas trabalhadas em cada dissertação ou tese.

Assim, num conjunto de 354 palavras-chave vinculadas aos 93 trabalhos, as que mais se repetem são: loucura (32), psiquiatria (22), história (16), saúde mental (12), medicina (9), gênero/relações de gênero (7)<sup>21</sup>, eugenia (6), doença mental (5), hospitais psiquiátricos (4),

espiritismo (4), cidade (3), discurso médico (3), história da psiquiatria (3), hospício (3), reforma psiquiátrica (3), suicídio (3) e saúde (3).

As demais palavras ou expressões, referidas uma ou duas vezes nos trabalhos, expressam outras especificidades, evidenciando também outra marca da prática historiográfica, ou seja, o interesse pela singularidade do devir (Aróstegui, 2006). Nesses casos: (i) indicam espacialidades, demarcando lugares geográficos dos eventos ou processos: Diamantina, Maranhão, Campina Grande, Oeste do Paraná, Ceará, Bahia, campo psiquiátrico mineiro, colônia italiana...<sup>22</sup>; (ii) nomeiam instituições estudadas: Asilo São João de Deos, Colônia Santana, Casa de Correção, Hospital Filadélfia, Museu de Imagens do Inconsciente...; (iii) nomeiam sujeitos que têm suas obras ou constituem-se eles mesmos em objeto de estudos: por um lado, sujeitos específicos, como os escritores Lima Barreto e Érico Verís-

<sup>21</sup> A palavra gênero aparece em cinco trabalhos e a expressão relações de gênero aparece em dois; além destas, o uso das palavras mulher e mulheres (uma vez cada) como palavras-chave apontam para uma tendência importante, ou seja, o recorte de gênero presente nas pesquisas a partir da década de 1990.

<sup>22</sup> É interessante que, nas palavras-chave, os lugares geográficos Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul, bastante evidenciados nos títulos, não aparecem (RJ e SP) ou são citados apenas uma vez (RS). Outros lugares como os citados acima são evidenciados.

**Tabela 7.** O que expressam os títulos das teses.**Table 7.** What the titles of the doctoral dissertations express.

<b>Palavra título</b> \ <b>Década</b>	<b>1980 a 1989</b>	<b>1990 a 1999</b>	<b>2000 a 2009</b>	<b>2010 e 2011</b>	<b>TOTAL</b>
loucura	0	1	4	2	7
psiquiatria	0	1	3	2	6
Brasil	0	0	5	0	5
médicos	0	0	3	1	4
Rio	0	2	0	2	4
São	0	0	3	1	4
1930	0	2	1	0	3
corpo	0	0	2	1	3
discursos	0	0	2	1	3
história	0	0	2	1	3
Janeiro	0	2	0	1	3
medicina	0	0	2	1	3

Fonte: Dados da pesquisa.

simo, o psiquiatra e político Dyonélio Machado, o médico e psicanalista Sigmund Freud, o pintor Hieronymus Bosch, o teólogo e humanista Erasmo de Rotterdam<sup>23</sup>; por outro, sujeitos genéricos ou coletivos – pelo menos num primeiro momento –, como os usuários de serviços de saúde mental, veteranos de guerra, mulheres, Brigada Militar, Liga Brasileira de Higiene Mental...; (iv) indicam, ao mesmo tempo, as fontes privilegiadas, a metodologia e o objeto principal da análise: biografia, história oral, memória, narrativas da loucura, contos, literatura, expressão artística de alienados, cinema...; (v) marcam recortes temporais: século XIX, Guerra do Paraguai, primeira república, primeira guerra mundial, regime militar...<sup>24</sup>; (vi) expõem relações entre o que é, em geral, o tema central – a loucura e/ou a psiquiatria –, com temas correlatos que constroem as problemáticas, como: as relações entre alcoolismo-loucura, crime-loucura, raça-loucura, religião-loucura, gênero-loucura, geração-loucura; as práticas de controle social; relações entre saberes (psiquiatria, direito, psicologia...); a construção de categorias diagnósticas; as políticas de saúde e assistência e as legislações pertinentes; as relações entre saber psiquiátrico e Estado; os movimentos sociais; a perspectiva cultural, entre outras.

## A produção brasileira: um diagnóstico sobre seus itinerários

A análise apresentada, com base nos títulos e nas palavras-chave indicadas por autores(as), revela uma diversidade de preocupações e proposições dos trabalhos e permite algumas inferências imediatas pela própria visualidade dos dados.

Há uma clara preferência pelo uso do termo *loucura* nos trabalhos: aparece nos títulos de 39 dos 93 trabalhos, 32 vezes como palavra-chave e é referida 101 vezes nos resumos. O termo *loucura*, que só não aparece referido nos trabalhos do período 1980-1986, ao que parece, é considerado mais amplo, genérico ou abrangente do que as expressões, por vezes utilizadas – como ‘alienação’, ‘doença mental’ ou ‘saúde mental’ –, para nomear uma diversidade de percepções, comportamentos e ações, expressas por diferentes sujeitos (médicos, loucos, agentes públicos, famílias...), que em diferentes temporalidades históricas e espacialidades ganham nomeações diferentes e cuja historicidade é marcada.

A presença dos termos *psiquiatria*, *medicina*, *psiquiátrica*, *médicos*, *discursos* bem como dos termos

<sup>23</sup> A exceção de Lima Barreto, cuja pessoa (porque interno como louco em uma instituição psiquiátrica) e obra são objeto de interesse, nos demais casos, apenas a obra é considerada, em geral, como meio de apreensão de representações sobre a loucura.

<sup>24</sup> Presença marcante nos títulos, os anos e os séculos, não o são quando se visualiza as palavras-chave. Nestas, como se vê, outros recortes temporais (ligados a periodizações estabelecidas para a história nacional brasileira ou história mundial) são indicados para situar os trabalhos. A referência aos anos e aos séculos volta a ter presença marcante nos resumos dos trabalhos.

*Hospital, Hospício e assistência* dentre os mais utilizados nos títulos dos trabalhos aponta para a centralidade das temáticas consideradas tradicionais no campo, como a da constituição do saber médico-psiquiátrico e a história das instituições de assistência.

Lima e Holanda (2010), em um dos raros trabalhos que realizam balanços da produção na especialidade em discussão, indicaram a necessidade de questionar – frente às transformações ocorridas como o movimento da Reforma Psiquiátrica no Brasil – como vem sendo estudada, nos dias de hoje, o que nomeiam como História da Psiquiatria. Em seu artigo, propõem fazer uma revisão dos trabalhos recentes relacionados à história do campo “psi” (Psicologia, Psicanálise e Psiquiatria), identificando as principais perspectivas e os recortes adotados por estes, debruçando-se sobre o período 2004-2009. Com tais objetivos, selecionaram 69 trabalhos, entre teses, dissertações e artigos, que – mesmo não sendo gestados no campo estrito da disciplina História – utilizaram-se do método historiográfico para sua construção. Em sua empreitada analítica, os autores também propuseram uma periodização para agrupar os trabalhos examinados:

*[...] três grandes períodos relacionados à construção dos modelos de atenção à saúde mental no Brasil: (1º) do início do período colonial até 1889 – período de instalação das primeiras instituições de alienados no Brasil; (2º) entre 1890 e 1966 – período de constituição e consolidação da Psiquiatria no país; (3º) de 1967 até os dias de hoje – período em que surgem as discussões sobre a assistência nos hospitais psiquiátricos públicos e que se implementa a reforma psiquiátrica (Lima e Holanda, 2010, p. 576).*

Considerando-se a referência ao recorte temporal nos títulos dos trabalhos bem como a própria temporalidade da sua produção (as décadas já indicadas) foi possível testar a periodização proposta por Lima e Holanda (2010) em relação às teses e às dissertações objeto de atenção neste artigo, obtendo-se o seguinte quadro<sup>25</sup>:

(i) entre os trabalhos produzidos nas décadas de 1980-1989, não há menção ao recorte temporal no título do único trabalho dessa década;

(ii) entre 1990-1999, a metade, ou sete trabalhos dentre os 14 trabalhos defendidos nessa década apresenta recortes temporais em seus títulos, sendo estes bastante diversos e não coincidentes: um se situa no 1º período; quatro situam-se no 2º período; um no 3º período (1970-1990); e outro não se enquadra em nenhum dos períodos

da periodização proposta por Lima e Holanda (2010), por estabelecer um recorte cronológico que engloba períodos relativos a dois dos intervalos sugeridos pelos autores (1830-1930);

(iii) entre 2000-2009, há uma diversidade muito grande nos recortes apresentados apenas por 36 dentre os 55 trabalhos produzidos nesta década: seis trabalhos situam-se no 1º período; 20 trabalhos situam-se no 2º período; cinco trabalhos situam-se no 3º período; e outros cinco trabalhos não se enquadram em nenhuma das categorias por estabelecerem lapsos cronológicos que englobam períodos relativos a mais de uma delas;

(iv) de 2010 a 2011, três trabalhos, ou 18,75%, situam-se no 1º período; onze trabalhos, ou 68,75%, situam-se no 2º período; nenhum situa-se no 3º período; dois, ou 12,5%, não se enquadram em nenhuma das categorias por estabelecerem lapsos cronológicos que englobam períodos relativos a mais de uma delas.

A preocupação crescente em estabelecer marcos cronológicos e espaciais nos trabalhos, vista nos dados apresentados, talvez seja decorrente da necessidade de evitar anacronismos, frente à crítica historiográfica contemporânea sobre os excessos nas generalizações, que marcaram outras épocas. Por outro lado, a redução da escala de observação (micro-história), uma característica marcante da produção historiográfica contemporânea em geral (Revel, 1998), certamente fez adeptos também no terreno mais estrito da História da Loucura e da Psiquiatria (Huertas, 2001; Sacristán, 2005; Venâncio e Cassilia, 2010).

A maioria das dissertações e teses produzidas em diferentes décadas privilegiou na análise o recorte temporal referente ao 2º período delimitado por Lima e Holanda (2010), ou seja, entre os anos de 1890 e 1966, período de constituição e consolidação da Psiquiatria no país conforme os autores. Tal privilégio a esse período também foi verificada pelos autores em seu próprio trabalho. Porém, os dados aqui analisados mostram que muitos trabalhos extrapolam uma periodização fixa por anos, demonstrando uma questão já sabida pelos(as) historiadores(as): que os processos específicos de lugares diferentes não se enquadram exatamente nas periodizações duras; que as especificidades e variabilidades de eventos que guardam algumas similaridades (como a construção de instituições, por exemplo) não correspondem estreitamente aos quadros dos modelos teóricos de atenção à saúde mental. Testou-se a proposição de periodização de Lima e Holanda, mas certamente é possível estabelecer

<sup>25</sup> Alguns dos trabalhos, mesmo extrapolando um pouco os limites da periodização proposta por Lima e Holanda (2010), podem ser situados em uma ou outra destas, especialmente quando se referem a movimentos de criação de instituições e aos primeiros anos destas, onde as marcas dos primeiro período são em geral preponderantes.

outras periodizações para os dados obtidos que observe tais considerações.

As informações relativas às teses e às dissertações defendidas nos PPGs e cursos de pós-graduação da área de História, apresentadas neste artigo, também permitem inserir essa parte da produção historiográfica brasileira nos quadros observados por autores vinculados à História da Loucura e da Psiquiatria, que vêm analisando as tendências gerais da produção nessa especialidade em outros países, como Espanha, México e Argentina, a partir de sua atuação na *Red Iberoamericana de Historia de la Psiquiatria (RIHP)*. Nesses países, como no Brasil, tais tendências não se delineiam exatamente na mesma temporalidade, porém, definem-se proximamente, pois acompanham as transformações gerais no próprio campo historiográfico, assim, há certa anuência em torno da existência de três tendências majoritárias, que surgiram em temporalidades distintas e nestas ganharam legitimidade: (i) historiografia tradicional ou história pioneira; (ii) historiografia crítica ou revisionista; (iii) nova historiografia.

No entanto, o surgimento de uma nova tendência teórico-metodológica (e temática) não significou o desaparecimento de outras. Nesse sentido, e exemplificando essa assertiva, Venancio e Cassilia (2010, p. 25) afirmam que

*[...] as narrativas históricas tão comuns no fazer historiográfico dos pioneiros, ainda são utilizadas em produções atuais. São trabalhos elaborados em sua maioria por médicos-psiquiatras, marcados por uma visão tradicional da história, entendida como um conjunto de fatos, contendo dois objetivos: a descrição dos avanços do conhecimento e da política assistencial psiquiátrica e a construção da identidade profissional do médico especializado em matéria mental. Nessa perspectiva a doença mental aparece como corolário dos investimentos e sucessos científicos e assistenciais empreendidos por médicos no afã de curá-la e extingui-la.*

A primeira dessas tendências tem sido nomeada como historiografia tradicional ou história pioneira e caracterizada como uma história laudatória da Psiquiatria, que louva os feitos científicos e filantrópicos dos primeiros psiquiatras, além de todas as ações que levaram à fundação das grandes estruturas institucionais chamadas hospícios ou manicômios. O aparecimento desta tendência pode ser situado entre os anos finais do século XIX e os primeiros anos do século XX, conforme as diversidades nacionais. Mas, como já dito, não há uma data final para a elaboração de trabalhos nesta linhagem interpretativa (Huertas, 2001; Sacristán, 2005; Stagnaro, 2006; Venancio e Cassilia, 2010).

Diversos autores identificam esta como uma tendência conduzida principalmente por psiquiatras renomados em diferentes épocas, que desenvolviam, concomitantemente, o exercício da clínica hospitalar e investigações históricas, porém na sua construção estariam ausentes os profissionais da disciplina História (Huertas, 2001; Sacristán, 2005; Stagnaro, 2006; Venancio e Cassilia, 2010).

Considerando-se teses e dissertações defendidas nos PPGs e cursos de pós-graduação da área de História entre os anos de 1980 e 2011, pode-se afirmar que não se reconheceu, nos trabalhos, o vínculo com essa tendência. A despeito de muitos dos trabalhos desenvolvidos na pós-graduação brasileira utilizarem-se das fontes privilegiadas por autores filiados a essa tendência – como informações biográficas e memórias de trabalho escritas por médicos ou documentos administrativos diversos (relatórios governamentais, atas de reuniões, ofícios, leis e regulamentos, etc.) –, fazem-no a partir de outras perspectivas teóricas, especialmente aquelas identificadas por analistas como constituintes de uma segunda tendência marcante no campo da História da Loucura e da Psiquiatria: a historiografia crítica ou revisionista.

Com a pretensão de revisar e ampliar as perspectivas da historiografia tradicional despontaram trabalhos identificados com essa segunda tendência. Pode-se situar sua emergência, fora do Brasil, entre as décadas de 1960 e 1970 e, em nosso país, nos próprios anos 1980, quando surgem por aqui os primeiros trabalhos na especialidade. Nessa perspectiva, os trabalhos analisavam (e seguem analisando), a loucura e a prática psiquiátrica a partir de pressupostos externos ao próprio “saber psiquiátrico”, ou seja, pressupostos sociais e culturais advindos das chamadas Ciências Humanas e Sociais (como a História, a Antropologia, a Sociologia), propondo a problematização da loucura como mito e como construção social, discutindo as respostas sociais à loucura e o papel das instituições psiquiátricas como instrumentos de controle social, entre outras questões que geraram acirrados debates entre seus defensores e os ambientes psiquiátricos mais conservadores (Huertas, 2001; Sacristán, 2009).

Os referentes teóricos que sustentam essa tendência são descritos por Huertas (2001) como provindos de pelo menos três perspectivas historiográficas distintas: a perspectiva de Michel Foucault, que desde a publicação da primeira edição de seu livro, *A História da Loucura na Idade Clássica*, em 1961, na França, despertou o interesse pelos espaços da loucura, pela institucionalização da marginalização dos doentes mentais e pelas relações entre psiquiatria e poder; a tradição da história social e suas investigações sobre a pobreza, a marginalização e a exclusão social, que estudaram o louco como mais um

marginalizado; e a própria perspectiva de uma história social da medicina que deslocara seu objeto dos discursos médicos e atitudes profissionais para a realização de uma “sociologia histórica” da enfermidade mental.

É nessa tendência que se pode alocar parte significativa da produção historiográfica analisada. Desde a já citada tese pioneira de Maria Clementina Pereira Cunha (1986), passando por trabalhos como a tese de Magali Engel (*A loucura na cidade do Rio de Janeiro: ideias e vivências – 1830-1930*, UNICAMP, 1995) ou a dissertação de Yonissa Wadi (*Palácio para guardar doídos: uma história das lutas pela construção do hospital de alienados e da psiquiatria no Rio Grande do Sul*, UFRGS, 1996), todas referências para os trabalhos de uma nova geração de historiadores(as); e, chegando a trabalhos defendidos em anos recentes, como a tese de Maurício Ouyama (*Uma máquina de curar: o Hospício Nossa Senhora da Luz em Curitiba e a formação da tecnologia asilar*, UFPR, 2006) ou a tese de Cláudia Freitas de Oliveira (*O Asilo de Alienados São Vicente de Paula e a institucionalização da loucura no Ceará – 1971-1920*, UFPE, 2011), o uso de um desses referentes, a conjugação de dois ou mesmo dos três, é talvez ainda hoje a marca distintiva da maior parte da produção historiográfica brasileira de teses e dissertações.

As fontes utilizadas nos trabalhos citados, como em outros inseridos nessa tendência, são também diversas, como: documentos das instituições psiquiátricas (regulamentos, relatórios, ofícios, atas), textos médicos, livros utilizados para o ensino da medicina, teses defendidas nas faculdades de medicina e artigos científicos publicados em periódicos especializados. Segundo Sacristán (2005), de forma análoga à primeira tendência e asseguradas as distâncias relativas aos propósitos de cada uma, também a perspectiva crítica ou revisionista suscitou excessos interpretativos e maniqueísmos vários, porém, sua emergência marcou definitivamente os caminhos nesse campo historiográfico, ao buscar anular a paixão pelos momentos de fundação e seus mitos de origem.

Como se pôde perceber pelos títulos de alguns dos trabalhos mencionados, as instituições de assistência à loucura (chamadas de asilos, hospícios ou manicômios) – antes, durante ou depois do processo de empoderamento dos alienistas/psiquiatras em seu interior – constituem objeto privilegiado das análises, o que sem dúvida tem uma relação fundamental com sua também centralidade na práxis assistencial durante cerca de cento e cinquenta anos (Sacristán, 2009). Nos trabalhos vinculados a essa tendência e no que diz respeito a esse objeto em particular, apesar das interpretações conjugarem diferentes perspectivas historiográficas é, sem dúvida, a perspectiva

de Michel Foucault (1989) que constitui a influência mais profícua. Foram estudos de Foucault que expropriaram as instituições de assistência à loucura, especialmente depois da entrada em cena dos psiquiatras, de “seu caráter científico, de sua auréola de centro de produção de saber científico” e essas passaram a ser analisadas – também na maioria dos trabalhos brasileiros – como “um espaço de poder, de elaboração de saberes relacionados com a gestão e o disciplinamento da população e não como espaço de cura do doente mental e compreensão da doença” (Campos Marín e Huertas, 2008, p. 473).<sup>26</sup> Nesse sentido, muitos dos trabalhos – aqui no Brasil como em outras searas – também agregaram um posicionamento político ligado às lutas da antipsiquiatria e da psiquiatria italiana de Franco Basaglia.

Uma nova ênfase em relação às várias problemáticas relacionadas à especialidade em estudo transparece nas análises contemporâneas. Autores como Huertas (2001, 2012, 2013) e Sacristán (2009) reconhecem a configuração de uma nova tendência historiográfica que se expressa em trabalhos desenvolvidos em cenários nacionais diferenciados e que ganha maior densidade no início da década de 1990. No Brasil, essa nova tendência expressa-se com maior nitidez nos trabalhos produzidos desde o início deste século XXI.

A partir de algumas de suas ênfases e das fontes de que se valem os trabalhos produzidos, essa nova historiografia tem sido reconhecida por alguns autores como uma história vista de baixo (Sharpe, 1992), seguindo assim a História da Loucura e da Psiquiatria o mesmo movimento ocorrido em outras áreas da História disciplina. Nessa perspectiva, a preocupação maior seria visualizar, destacar e discutir as diferenças entre o que diziam os médicos psiquiatras em seus estudos (artigos científicos, livros, teses, fóruns de debate, etc.) e o que realmente faziam no interior de seus gabinetes, nos consultórios e nas instituições manicômiais (Huertas, 2001). Já outros autores, nomeiam essa nova historiografia como história com sujeito, pois marcaria a emergência de trabalhos que “ressignificam as experiências de doentes, médicos e familiares em um microcosmo onde os estreitos quadros institucionais podiam ser frequentemente excedidos, oferecendo as mil e uma faces da loucura internada” (Sacristán, 2009, p. 167).

Nesta historiografia – de baixo, com sujeito ou simplesmente nova –, outras fontes começaram também a ser exploradas, redirecionando o olhar dos historiadores da loucura e da psiquiatria. A utilização de processos cíveis e criminais, textos literários ou jornalísticos, livros de registro de internos, prontuários psiquiátricos, uma série de materiais produzidos por pessoas consideradas loucas

<sup>26</sup> Assim como em relação a esta obra, todas as citações de obras em língua estrangeira foram livremente traduzidas pela autora.

(desenhos, pinturas, cartas, esculturas, textos epistolares, romances, poesias, narrativas orais...), juntamente com as fontes tradicionais, inquiridas a partir de outros olhares, questões e problemas, vem traduzindo-se em perspectivas analíticas que modificam algumas das interpretações arraigadas no campo da História da Loucura e da Psiquiatria (Wadi, 2011).

A partir deste olhar ampliado, pode-se conhecer melhor as populações internadas nos hospícios e manicômios de diferentes lugares, estabelecendo-se seu perfil; entender como e por que algumas instituições, em nome da terapêutica do trabalho, tornaram-se verdadeiras empresas agrícolas; compreender que razões econômicas mais do que controle social podem ter sido os motivadores da retenção maciça de pessoas; reconhecer a capacidade das famílias em influenciar admissões e altas, a partir de sua interlocução com os psiquiatras; bem como perceber a capacidade dos internos como loucos em intervir no cotidiano institucional: negociando diagnósticos, tratamentos e normas, manipulando sua própria condição de doentes mentais, negando-se a participar de determinadas atividades terapêuticas, encontrando razões para entrar e sair das instituições por própria conveniência, entre outras questões (Sacristán, 2009; Wadi, 2011).

Do ponto de vista teórico, essa nova historiografia ampliou os horizontes, agregando as contribuições de uma série de autores pertencentes a tradições disciplinares variadas como o historiador britânico Roy Porter, o historiador americano Jan Goldstein, o filósofo da ciência Ian Hacking, a psiquiatra Gladys Swain e o psiquiatra Georges Lautéri-Laura, ou um conjunto ainda mais variado de autores da chamada história-antropológica ou da história cultural, porém mantendo um diálogo ainda profícuo com referentes da historiografia crítica, especialmente com a obra de Michel Foucault (Huertas, 2013).

Num caminho similar ao traçado por autores de outras plagas, as teses e as dissertações brasileiras, especialmente as defendidas a partir da década inicial deste novo milênio, também lançaram novas luzes sobre velhos e novos temas. As instituições, a ciência psiquiátrica, as políticas de saúde mental e assistência, as concepções de loucura, os loucos e suas experiências de vida, foram rediscutidos à luz das novas perspectivas teórico-metodológicas e das novas fontes. A autora deste texto, por exemplo, utilizando-se de uma fonte pouco explorada até pouco tempo – cartas escritas por uma mulher interna como louca e retidas em seu prontuário –, escreveu a tese *Louca pela vida: a história de Pierina*, defendida na PUC-SP em 2002. Nesta, através da escritura e de outros fragmentos da vida de Pierina, habitante de uma antiga colônia italiana, coletados em fontes diversas, o objetivo foi compreender a experiência da loucura a partir da perspectiva de quem nela

se constituiu (Wadi, 2002b, 2009). Nádia Weber Santos, utilizando-se do mesmo tipo de fonte – mas, desta vez, cartas de um homem –, além de obras de literatura sobre a loucura, todas consideradas ‘escritos de si’, procurou mostrar diferentes sensibilidades sobre a loucura em sua tese de doutorado *Histórias de sensibilidades: espaços e narrativas da loucura em três tempos (Brasil, 1905/1920/1937)*, defendida na UFRGS em 2005 (Santos, 2005). Já Viviane Trindade Borges, em sua tese também defendida na UFRGS em 2010, *Do esquecimento ao tombamento: a invenção de Arthur Bispo do Rosário*, debruçou-se sobre a rica obra produzida por Bispo além de um conjunto de textos produzidos sobre ele e sua obra para entender como aquele homem internado por mais de 50 anos na Colônia Juliano Moreira sem nunca ter recebido uma visita, transformou-se num dos grandes artistas plásticos brasileiros (Borges, 2010). Novas fontes, novos problemas e uma nova historiografia emergem nesses exemplos.

Há também exemplos interessantes de como é possível “fugir da dicotomia foucaultiano X antifoucaultiano, pouco profícuo em termos de história da psiquiatria” (Huertas *in* Dias, 2010), mesclando proposições de Foucault, com outros pontos de vista. Na dissertação *Dramas de sangue na cidade: psiquiatria, loucura e assassinato no Rio de Janeiro (1901–1921)*, defendida na FIOCRUZ em 2010, Allister Andrew Teixeira Dias utilizou algumas das proposições de Foucault – especialmente aquelas relativas à questão da subjetivação, do poder psiquiátrico e do exame psiquiátrico – conjugando-as com as de outros autores, como Rafael Huertas, por exemplo (Dias, 2010). Huertas é um dos autores que tem se dedicado contemporaneamente a pensar a própria construção do conhecimento histórico, na especialidade aqui em discussão, e se posiciona criticamente em relação a muitas das proposições de Foucault, apoiado em autores como Porter, Lautéri-Laura ou Swain, porém, sem negar que a obra daquele estabelece uma fronteira: há uma história da loucura e da psiquiatria pré e outra pós Foucault, afirma (Huertas, 2013).

Outro exemplo interessante, neste sentido, é a dissertação de Janis Alessandra Pereira Cassília, *Doença mental e Estado Novo: a loucura de um tempo*, defendida na FIOCRUZ em 2011, na qual a autora debruça-se sobre um período pouco estudado da história brasileira da loucura e da psiquiatria, problematizando-o também a partir de novas fontes (conforme a perspectiva apontada anteriormente), como documentos clínicos de internos que construíram narrativas sobre o Estado Novo, Getúlio Vargas e o contexto sócio-político em que viviam. A autora dialoga também com vários autores como Michel Foucault e Roy Porter, considerando que, apesar das divergências entre ambos – como em relação à existência ou não de uma hierarquia entre a visão do louco e da psiquiatria –, há a concordância em termos

de uma questão essencial para pensar seu próprio trabalho: a de que a história da irracionalidade faz parte da história da razão, portanto, ambas devem ser pensadas articuladamente. Foi assim que a autora considerou as contribuições originais de ambos fundamentais para o desvelamento de sua problemática (Cassília, 2011).

## Considerações finais

Ao realizar esta investigação, o objetivo foi apresentar e problematizar parte do que constitui a produção brasileira, aqui nomeada como História da Loucura e da Psiquiatria e que, como especialidade, pode ser enquadrada em diferentes áreas e subáreas do conhecimento. Lançou-se assim um olhar sobre as teses e as dissertações, produzidas na área de História, sobre a loucura (saúde-doença mental) e a psiquiatria, considerando também os temas correlatos, e procurando visualizar a distribuição espacial e temporal da produção, sua acessibilidade, as balizas cronológicas e geográficas priorizadas, as principais preocupações e questões levantadas por seus produtores e expressas em títulos e palavras-chave, bem como sua inserção num quadro mais amplo, o das tendências reconhecidas como preponderantes na delimitação da especialidade.

O balanço realizado demonstrou que o desenvolvimento desta especialidade no campo da História está marcado, ainda, por certa concentração espacial, temporal e temática. No que se refere à espacialidade, considerada como espaço geográfico, verificou-se que foram em PPGs ou cursos das universidades dos estados do Sudeste e do Sul do Brasil que a maioria das teses e das dissertações foi defendida. Foram também majoritariamente as cidades sede dessas universidades o lócus investigado, seja por sua relação com o desenvolvimento de práticas relativas à loucura conduzidas por sujeitos ou grupos diversos que as habitavam, seja porque nelas gestaram-se instituições objeto das pesquisas, tanto as voltadas especificamente para a assistência psiquiátrica (como hospitais psiquiátricos, manicômios judiciários ou centros de atenção psicossocial), como aquelas nas quais desenvolveram-se políticas (departamentos ou divisões ligadas à assistência psiquiátrica, cursos de medicina, sociedades e associações médicas, entre outras possíveis).

Considerando o recorte temporal proposto para esta análise (1980-2011), verificou-se que a maior parte dos trabalhos foi produzida entre os anos 2000-2009, realidade que obviamente será modificada na medida em que apenas trabalhos dos dois primeiros anos da década em que vivemos foram analisados, mas que não deixa de indicar o crescimento do interesse pelos temas relativos à especialidade neste novo milênio. Por outro lado, ainda referindo-se à temporalidade, pode-se perceber que a maioria dos

trabalhos defendidos privilegiou como recorte o período de 1890 a 1966, indicado por Lima e Holanda (2010), como o de constituição e consolidação da psiquiatria no Brasil. O interesse por esse período, e neste sentido uma concentração temática dos estudos sobre as instituições de assistência à loucura e a própria prática psiquiátrica nestas, situa também a maioria dos trabalhos analisados na chamada historiografia crítica ou revisionista, ainda que se esteja assistindo atualmente ao espraiamento dos interesses, impulsionado pelo uso de novas fontes e novos referenciais teórico-metodológicos, especialmente aqueles provindos da chamada história cultural.

Para pesquisadores(as) já inseridos no campo historiográfico da especialidade e/ou para aqueles(as) recém ingressantes em cursos de pós-graduação, o balanço aqui apresentado fornece indicações importantes sobre períodos, espaços e temas que podem ou precisam ser mais explorados, propiciando também a abertura para estudos comparativos sobre a produção dominante em distintas temporalidades. Nesse sentido, cumpre-se também o objetivo de oferecer uma contribuição para o desenvolvimento, a promoção e a renovação das pesquisas na especialidade chamada História da Loucura e da Psiquiatria.

## Referências

- AMARANTE, P. (coord.). 1995. *Loucos pela vida: a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil*. Rio de Janeiro, Ed. Fiocruz, 132 p.
- ARAUJO, F. A. 2011. *A loucura encontra seu lugar: um estudo sobre o processo de constituição da assistência psiquiátrica no Hospital Filadélfia de Marechal Cândido Rondon/Paraná*. Marechal Cândido Rondon, PR. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 177 p.
- ARÓSTEGUI, J. 2006. *A pesquisa histórica: teoria e método*. Bauru, EDUSC, 592 p.
- BERTOLLI FILHO, C. 2006. Novas faces da história da medicina na América Latina. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, 13(1):183-187.  
<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702006000100013>
- BIRMAN, J. 1978. *A psiquiatria como discurso da moralidade*. Rio de Janeiro, Graal, 453 p.
- BORGES, V.T. 2010. *Do esquecimento ao tombamento: a invenção de Arthur Bispo do Rosário*. Porto Alegre, RS. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 232 p.
- BRASIL. 2004. *Legislação em saúde mental 1990-2004*. 5ª ed., Brasília, Ministério da Saúde, 340 p.
- CAMPOS MARÍN, R.; HUERTAS, R. 2008. Los lugares da la locura: reflexiones en torno a los manicomios y su papel en la génesis y el desarrollo de la psiquiatria. *Arbor. Ciencia, Pensamiento y Cultura*, CLXXXIV(731):471-480.
- CASSÍLIA, J.A.P. 2011. *Doença mental e Estado Novo: a loucura de um tempo*. Rio de Janeiro, RJ. Dissertação de Mestrado. Fundação Oswaldo Cruz. 200 p.
- CHALHOUB, S.; MARQUES, V.R.B; SAMPAIO, G.R; GALVÃO SOBRINHO, C.R. (orgs.). 2003. *Artes e ofício de curar no Brasil: capítulos de história social*. Campinas, Editora da UNICAMP, 429 p.

- COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (CAPES). 2006. Portaria CAPES 013/2006 - Institui a divulgação digital das teses e dissertações produzidas pelos programas de doutorado e mestrado reconhecidos. Disponível em [www.capes.gov.br/images/stories/download/.../Portaria\\_013\\_2006.pdf](http://www.capes.gov.br/images/stories/download/.../Portaria_013_2006.pdf). Acesso em: 10/10/2010.
- COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (CAPES). 2012. Tabela de Áreas de Conhecimento. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/avaliacao/tabela-de-areas-de-conhecimento>. Acesso em: 10/10/2013.
- COSTA, J.F. 1979. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro, Graal, 282 p.
- COSTA, J.F. 1980. *História da psiquiatria no Brasil: um corte ideológico*. 3ª ed., Rio de Janeiro, Campus, 104 p.
- CUNHA, M.C.P. 1986. *O Espelho do Mundo: Juquery, a história de um asilo*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 217 p.
- DIAS, A.A.T. 2010. *Dramas de sangue na cidade: psiquiatria, loucura e assassinato no Rio de Janeiro (1901-1921)*. Rio de Janeiro, RJ. Dissertação de Mestrado. Fundação Oswaldo Cruz, 209 p.
- DIAS, A.A.T.; MUÑOZ, P.F.N. 2010. Dramas de sangue na cidade: algumas trajetórias da loucura-assassina nas redes da psiquiatria (década de 1910). In: D.R. NASCIMENTO; D.M. CARVALHO (orgs.), *Uma história brasileira das doenças*. Rio de Janeiro, Fino Traço, vol. 3, p. 11-37.
- DUARTE, M.N. 2009. *De ares e luzes a inferno humano. Concepções e práticas psiquiátricas no Hospital Colônia de Barbacena: 1946-1979. Estudo de caso*. Niterói, RJ. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Fluminense, 273 p.
- EDLER, F.C. 1998. A medicina brasileira no século XIX: um balanço historiográfico. *Asclépio – Revista de História de la Medicina y de la Ciencia*, 50(2):169-186.
- ENGEL, M. 1995. *A loucura na cidade do Rio de Janeiro: ideias e vivências (1830-1930)*. Campinas, SP. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, 670 p.
- ENGEL, M. 2003. A loucura, o hospício e a psiquiatria em Lima Barreto. In: S. CHALHOUB; V.R.B. MARQUES; G.R. SAMPAIO; C.R. GALVÃO SOBRINHO (orgs.), *Artes e ofício de curar no Brasil: capítulos de história social*. Campinas, Editora da UNICAMP, p. 57-98.
- FIGUEIREDO, B. G. 2005 Reflexões sobre os caminhos da História da Medicina no Brasil. In: B.G. FIGUEIREDO; M.L.L. CONDÉ (org.), *Ciência, história e teoria*. Belo Horizonte, Argvmentum Editora, p. 147-170.
- FOUCAULT, M. 1989. *História da loucura na idade clássica*. 2ª ed., São Paulo, Perspectiva, 551 p.
- HOCHMAN, G.; ARMUS, D. (orgs.). 2004. *Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e no Caribe*. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 568 p.
- HUERTAS, R. 2001. Historia de la Psiquiatria, ¿Por qué?, ¿Para qué? Tradiciones Historiográficas y Nuevas Tendencias. *Frenia*, 1(1):9-36.
- HUERTAS, R. 2012. *Historia cultural de la psiquiatria. (Re)pensar la locura*. Madrid, Catarata, 221 p.
- HUERTAS, R. 2013. Another history for another psychiatry. The patient's view. *Culture & History Digital Journal*, 2(1):e021. Disponível em: <http://cultureandhistory.revistas.csic.es/index.php/cultureandhistory/article/view/18/81>. Acesso em: 11/11/2013.
- KOSELLECK, R. 2006. *Futuro passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro, Contraponto/Ed. PUC-RJ, 368 p.
- LIMA, A.A.; HOLANDA, A.F. 2010. História da psiquiatria no Brasil: uma revisão da produção historiográfica (2004-2009). *Estudos em psicologia (UERJ)*, 10(2):572-595.
- LORENZO, R. 2007. *E aqui enloqueço: a alienação mental na Porto Alegre escravista (c.1843-c.1872)*. Porto Alegre, RS. Dissertação Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 263 p.
- MACHADO, R.; LOUREIRO, A.; LUZ, R.; MURICY, K. 1978. *Danação da norma: medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro, Graal, 560 p.
- NASCIMENTO, D.R.; CARVALHO, D.M.; MARQUES, R.C. (orgs.). 2006. *Uma história brasileira das doenças*. Rio de Janeiro, Mauad X, vol. 2, 277 p.
- NASCIMENTO, D.R.; CARVALHO, D.M. (orgs.). 2010. *Uma história brasileira das doenças*. Rio de Janeiro, Fino Traço, vol. 3, 364 p.
- OLIVEIRA, C.F. 2010. A loucura no Ceará. In: D.R. NASCIMENTO; D. M. CARVALHO (orgs.), *Uma história brasileira das doenças*. Rio de Janeiro, Fino Traço, vol. 3, p. 39-62.
- OLIVEIRA, C.F. 2011. *O Asilo de Alienados São Vicente de Paula e a institucionalização da loucura no Ceará (1971-1920)*. Recife, PE. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Pernambuco, 274 p.
- OUYAMA, M. 2006. *Uma máquina de curar: o Hospício Nossa Senhora da Luz em Curitiba e a formação da tecnologia asilar*. Curitiba, PR. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Paraná, 405 p.
- PAULA, E.M. 2010. Hospital Psiquiátrico Adauto Botelho: identidade, política e exclusão em Goiás (1954-1995). In: D.R. NASCIMENTO; D. M. CARVALHO (orgs.), *Uma história brasileira das doenças*. Rio de Janeiro, Fino Traço, vol. 3, p. 63-84.
- PETERSEN, S.R.F.; LOVATO, B.H. 2013. *Introdução ao estudo da história: temas e textos*. Porto Alegre, Edição do autor, 450 p.
- PIZANI, M.A.P.N. 2006. *O cuidar na atuação das Irmãs de São José de Moutiers na Santa Casa de Misericórdia de Curitiba (1896-1937)*. Curitiba, PR. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Paraná, 236 p.
- REVEL, J. (org.). 1998. *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro, Fundação Getulio Vargas, 264 p.
- SACRISTÁN, C. 2005. Historiografía de la locura y de la psiquiatria e México. De hagiografía a la historia posmoderna. *Frenia*, 1(1):9-33.
- SACRISTÁN, C. 2009. La locura se topa con el manicomio. Uma historia por contar. *Cuicuilco*, 16(45):163-189. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/pdf/351/35112428008.pdf>. Acesso em: 10/03/2010.
- SANTOS, F.S.D. 2006. Bêbados e alcoólatras, medicina e cotidiano. In: D.R. NASCIMENTO; D.M. CARVALHO; R.C. MARQUES (orgs.), *Uma história brasileira das doenças*. Rio de Janeiro, Mauad X, vol. 2, p. 64-91.
- SANTOS, F.S.D. 2010. Doenças do espírito e doenças do corpo: o sistema de medicina caboclo. In: D.R. NASCIMENTO; D.M. CARVALHO (orgs.), *Uma história brasileira das doenças*. Rio de Janeiro, Fino Traço, vol. 3, p. 337-360.
- SANTOS, N.M.W. 2005. *Histórias de sensibilidades: espaços e narrativas da loucura em três tempos (Brasil, 1905/1920/1937)*. Porto Alegre, RS. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Tomo I, 379 p.
- SHARPE, J. 1992. A história vista de baixo. In: P. BURKE (org.), *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo, Editora UNESP, p. 39-62.
- SILVA, J.R. 2001. De aspecto quase florido. Fotografias em revistas médicas paulistas, 1898-1920. *Revista Brasileira de História*, 21(41):201-216.  
<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-01882001000200011>

- STAGNARO, J.C. 2006. Evolución y situación actual de la historiografía de la psiquiatria en la Argentina. *Frenia*, **VI**(1):7-37.
- TEIXEIRA, L.A. 2001. Da transmissão hídrica à culicidiana: a febre amarela na sociedade de medicina e cirurgia de São Paulo. *Revista Brasileira de História*, **21**(41):217-242.  
<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-01882001000200012>
- VACARO, J.S. 2011. *A construção do moderno e da loucura: mulheres no Sanatório Pinel de Pirituba (1929-1944)*. São Paulo, SP. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, 63 p.
- VENÂNCIO, A.T.A.; CASSILIA, J.A.P. 2010. A doença mental como tema: uma análise dos estudos no Brasil. *Espaço Plural*, **XI**(22):24-34.
- WADI, Y.M. 1996. *Palácio para guardar doídos: uma história das lutas pela construção do hospital de alienados e da psiquiatria no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, RS. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 303 p.
- WADI, Y.M. 2002a. *Louca pela vida: a história de Pierina*. São Paulo, SP. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 342 p.
- WADI, Y.M. 2002b. *Palácio para guardar doídos. Uma história das lutas pela construção do hospital de alienados e da psiquiatria no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Editora da Universidade - UFRGS, 256 p.
- WADI, Y.M. 2009. *A história de Pierina: subjetividade, crime e loucura*. Uberlândia, EDUFU, 464 p.
- WADI, Y.M.; SANTOS, N.M.W. (orgs.). 2010. *História e loucura: saberes, práticas e narrativas*. Uberlândia, EDUFU, 368 p.
- WADI, Y.M. 2011. Entre muros: os loucos contam o hospício. *Topoi*, **12**(22):250-269.
- YASUI, S. 2010. *Rupturas e desencontros: desafios da reforma psiquiátrica brasileira*. Rio de Janeiro, Fiocruz, 192 p.
- ZULAWSKI, A. 2004. Doença Mental e Democracia na Bolívia: o Manicômio Pacheco, 1935-1950. In: G. HOCHMAN; D. ARMUS (orgs.), *Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e no Caribe*. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, p. 455-491.

Submetido: 20/12/2013

Aceito: 26/02/2014